

ENTRE SALTOS, PERUCAS, ACESSÓRIOS E MAQUIAGENS: O UNIVERSO TRAVESTI EM DIÁLOGO NO DIA DO PATRIMÔNIO DE PELOTAS

LUIZ AUGUSTO FONSECA DUARTE JUNIOR¹; JULIANO GOMIDES DOMENEGUETI²; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES³; AIRTON RODRIGUES CARDOSO⁴; LOUISE PRADO ALFONSO⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – luizjuniorbio@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - julianogomineguedi@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - guilhermerdr.rodrigues@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - airtonrodriguescardoso@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão “Mapeando a noite: o universo travesti” iniciou suas atividades em 2016, objetivando compreender Pelotas a partir dos olhares e narrativas das travestis, em especial as que atuam na prostituição nas noites e ruas da cidade e dar visibilidade às suas lutas, narrativas e formas de habitar. Considerase que a cidade não é uma obra acabada, sendo constantemente construída por grupos diversos que a habitam (AGIER, 2015; MAGNANI, 2002). No decorrer do projeto, a rede de interlocutoras (es) foi ampliada para outras (os) trabalhadoras (es) noturnos, como taxistas, comerciantes, profissionais da saúde, garis, frentistas, etc, de forma a favorecer um maior entendimento das dinâmicas das noites de Pelotas e o contexto de trabalho das travestis (RODRIGUES & ALFONSO, 2016).

O Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, desenvolve vários projetos de extensão vinculados ao projeto de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”, sendo o Mapeando a noite um destes projetos. Tais projetos de extensão envolvem alunas (os) do bacharelado e pós-graduação (mestrado e doutorado) em Antropologia. Bem como, pessoas de outros cursos, como: Arquitetura, Turismo, História, Ciências Sociais, entre outros.

O presente resumo trata da exposição denominada Margens: diferentes formas de habitar Pelotas desenvolvida durante o evento de comemoração do Dia do Patrimônio, realizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas, em agosto de 2017. A exposição aconteceu no Casarão 2 (atual Secretaria de Cultura de Pelotas - SECULT) e abrangeu diferentes projetos de extensão, com o intuito de pôr em discussão os temas desses projetos junto à comunidade pelotense. Os projetos de extensão participantes da exposição foram: o Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para Antropólogas (os) em formação, Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas, Trabalho Doméstico, entre o passado e presente: Direitos e Cuidados da Atualidade, História e cultura Afro indígena na escola e Mapeando a noite: o universo travesti.

2. DESENVOLVIMENTO

A exposição “Margens” foi organizada de forma a instigar a comunidade pelotense a refletir sobre as diferentes narrativas sobre Pelotas e sobre os

elementos considerados patrimônios da cidade. Um dos objetivos era evidenciar quais grupos estão diretamente incluídos nos discursos oficiais sobre a cidade e quais foram excluídos destas narrativas. A equipe organizadora buscou elaborar uma exposição participativa que possibilitasse a interação das pessoas com as temáticas e as (os) mediadoras (es) dos projetos. Assim, criou módulos temáticos, que apresentavam objetos relacionados aos temas dos projetos e banners pensados a partir da pedagogia da pergunta (FREIRE & FAUNDEZ 1985).

O módulo do Projeto “Mapeando a Noite” foi integrado por uma mesa com espelho, repleta de maquiagens e acessórios. Cabides e uma arara ampararam perucas e outras peças de vestuário relacionado à vida noturna. Uma manequim, trajada de roupas usadas na noite, simbolizava a presença de uma travesti. Essa manequim cumpriu papel fundamental no módulo, pois foi proposto às (aos) visitantes um “batismo”, motivando as pessoas a darem um nome para aquela modelo. Também foi incorporado, por sugestão de um servidor da SECULT, um banner da Brenda Lee, militante LGBT assassinada em Pelotas. Bem como, uma fotografia da Juliana Martinelle, mais conhecida como Juju, militante dessa comunidade e interlocutora do projeto, que faleceu na semana do evento. Embora o projeto discuta sobre outras e outros trabalhadores e trabalhadoras noturnas, o grupo compreendeu que questões de gênero e a luta contra a homofobia deveriam ser priorizadas durante o evento.

3. RESULTADOS

A exposição recebeu, em seu primeiro dia de visitação, escolas do município e arredores. Professoras (es), alunas (os), diretoras (es) prestigiam, em número expressivo, o módulo apresentado. As crianças foram as que mais despertaram curiosidade e atenção para o tema, interagindo constantemente com os responsáveis do grupo pela mediação. No decorrer das falas, debatíamos sobre o mundo das(os) trabalhadoras(es) noturnas(os), enfatizando a questão da prostituição. Ao fim da conversa, convidamos as(os) estudantes que tivessem vontade de utilizar os acessórios e objetos expostos para pegá-los. Para nossa surpresa, as crianças aceitaram a brincadeira, principalmente as meninas.

Tivemos um menino que pediu para usar a maquiagem. Contudo, a professora desmotivou o menino a fazer isso, por se tratar de uma ação que não cabia a ele como menino. Rapidamente, os mediadores responsáveis pelo módulo interferiram, declarando que ali todas (os) podiam fazer o que quisessem, se maquiar, usar salto, etc. Nada satisfeita, a professora alegou que a mãe do garoto não iria aprovar a ação, por maquiagem ser considerado “coisa” de menina e não de menino.

No decorrer do dia, muitas escolas passaram pelo módulo temático. Porém, uma escola do interior de Arroio Grande se destacou, pois mostrou muito envolvimento de discentes e professores. O tema não era desconhecido, pelo contrário, demonstraram domínio do assunto, o que facilitou o diálogo com as (os) visitantes.

Convidamos as (os) alunas (os) para interagir com os materiais expostos. Entre risos e empurra empurra, uma menina chamada Luiza, de aproximadamente 11 anos, mostrou-se muito interessada pela peruca. Imediatamente, a retiramos da manequim e permitimos o seu uso. A alegria e satisfação dela contagiou os mediadores do módulo, suas (seus) colegas e professoras (es). Dessa atitude, surgiu a ideia de nomear a manequim que ali estava presente, objetivando aproximar e homenagear todas as profissionais que trabalham na noite. A garota foi

a primeira a nomear a manequim, a qual deu seu próprio nome. A partir daí, todas (os) que ali passavam foram convidadas (os) para que nomeasse a nossa travesti simbolizada na manequim.

Ao término de toda a interação, um professor responsável pela escola nos relatou que, como docente, tinha o compromisso de levar à instituição de ensino todos os assuntos, principalmente sobre sexualidade e gênero. Falou que há um índice elevado de evasão escolar na cidade de alunas (os) que sofrem com a falta de aceitação da família e sociedade, as (os) quais acabam por buscar nas ruas um modo de sobrevivência. Contou-nos que dois ex-alunos da escola estavam em Pelotas trabalhando nas ruas com prostituição.

No transcorrer da tarde, tivemos a visita de alguns veículos de comunicação da cidade, os quais gravaram depoimentos com a opinião das pessoas sobre os módulos temáticos. Contudo, o recorte dado à exposição “Margens” ficou reduzido ao módulo da temática afro e indígena nas escolas. Os outros módulos temáticos foram apenas fotografados. A explicação ficou a cargo da mediadora responsável pelo projeto, a qual narrava o objetivo daquela exposição. O destaque ao módulo que apresentava trabalhos escolares nos aponta para a invisibilização das temáticas mais carregadas de preconceitos, como travestis e casas de religião de matriz africana.

Um grupo religioso de homens cristãos se fez presente, deixando evidente o desconforto com a maioria dos módulos expostos, evitando-os ao máximo. Os projetos Mapeando a Noite e o Terra de Santo foram os que, nitidamente, mais inquietaram esse grupo. Enquanto eles estavam no espaço de exposição, um dos mediadores da exposição foi beber água, um membro do grupo cristão solicitou um copo, o que rapidamente causou uma reação de outro membro do grupo que disse: “Dessa água aí não”. Essas palavras demonstram a carga de preconceito dessa comunidade religiosa. Além de um olhar preconceituoso, viam com exotismo a exposição dos temas. No final da visitação, três homens do mencionado grupo se dirigiram a um dos mediadores do módulo que calçava salto alto, solicitando que o mesmo posasse para uma foto. Pôde-se perceber o sarcasmo proveniente destes visitantes, um dos mediadores afirmou ter se sentido constrangido “fui alvo de deboche, me senti agredido”.

4. AVALIAÇÃO

O principal foco da exposição “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas” era pôr em pauta assuntos que não são contemplados nas narrativas oficiais sobre Pelotas. O lugar onde foi realizada a exposição, o Casarão 2, foi escolhido propositalmente para sediar a exposição, por ser local de destaque em uma das esquinas da Praça Coronel Pedro Osório, principalmente durante o evento comemorativo do Dia do Patrimônio. Buscamos quebrar as expectativas de quem imaginava ver ali qualquer menção às famílias da elite antigas proprietárias ou sobre a imponente arquitetura do casarão.

Os resultados aqui mostrados são alguns recortes das inúmeras particularidades dessa exposição. Através destes, pudemos evidenciar o interesse por parte das crianças com assuntos relacionados a gênero, bem como sua fácil aceitação. A exotização do tema e o tabu em falar destas questões em espaços públicos e para grupos específicos. A manutenção destas narrativas enquanto tabu faz com que seja mais difícil criar novas gerações menos preconceituosas. Acreditamos que a visibilização da prostituição e de questões LGBT para um público

mais amplo contribui para maior aceitação da sociedade, para a valorização pluralidade de gêneros, diminuindo as exclusões destas comunidades, como no caso mencionado dos ex-alunos de Arroio Grande que hoje trabalham com prostituição em Pelotas. Além de incentivar políticas públicas voltadas para melhorias na qualidade de vida destes grupos.

A ideia do batismo da “manequim travesti” possibilitou uma ampla interação das (os) visitantes junto ao módulo. Destacamos uma mãe que nomeou a manequim com o nome de sua filha, que é travesti. Ou ainda, o caso de outra pessoa que escreveu “saudades” e fixou o bilhete na roupa da modelo. Esse último exemplo evidencia o quanto excludente é nossa sociedade. Embora não se saiba os motivos do sentimento de saudades, a sensação de ausência ou luto é evidente. Destacamos que muitas vezes esse luto é consequente de atos violentos contra essas pessoas. O ano de 2017 já é o ano com maior número de crimes de homofobia registrados em todo o Brasil.

Por fim, todas as manifestações vindas da comunidade em geral mostram o quanto a exposição foi efetiva em seu objetivo principal de dialogar e debater as diferentes formas de habitar Pelotas. Isso aconteceu dentro do Casarão 2, um dos símbolos arquitetônicos de riqueza da sociedade elitista pelotense, desconstruindo as noções de patrimônio dos discursos oficiais da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro.** Mana vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dez. 2015

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.s

MAGANI, José. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista brasileira de Ciência Sociais. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. Acessado em: 11/10/2017.

RODRIGUES, Marta B., ALFONSO, Louise P. Projeto “Mapeando a noite - o universo travesti”. In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA. PELOTAS,** 2016. Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 255-258.